

CASA GRANDE E SENZALA: FORMAÇÃO DA FAMÍLIA BRASILEIRA SOB O REGIME DA ECONOMIA PATRIARCAL

Este livro do Gilberto Freyre é composto por cinco capítulos, sendo eles Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida; O indígena na formação da família brasileira; O colonizador português: antecedentes e predisposições; O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro e O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro (continuação).

Casa-Grande e Senzala é um livro que possui 48 edições, sendo que a primeira foi escrita em 01 de Dezembro de 1933. Este livro continua sendo um clássico até nos dias atuais, afinal a história que esta sendo contada é a história de muitos de nós, onde o autor destaca a importância da Casa-Grande na formação sociocultural brasileira bem como a da senzala que completa a primeira.

Para Freyre, a estrutura arquitetônica da Casa-Grande empresaria o modo de organização social e política que se instaurou no Brasil, que é o do Patriarcalismo. Essa estrutura seria capaz de incorporar os vários elementos que comporiam a propriedade fundiária no Brasil colônia; do mesmo modo o patriarca da terra era tido como o dono de tudo que nela se encontrasse como escravos, parentes, filhos, esposas, etc.

Em Casa-Grande e Senzala, o escritor exprime claramente o seu pensamento. “O que houve no Brasil foi a degradação das raças atrasadas pelo domínio da adiantada.” Gilberto Freyre foi buscar nos diários dos senhores de engenho e na vida pessoal de seus próprios antepassados a história do homem brasileiro. As plantações de cana em Pernambuco eram o cenário das relações íntimas e do cruzamento das três raças: índio, africanos e portugueses.

No Brasil, as relações entre os brancos e as raças de cor foram desde a primeira metade do século XVI condicionadas, de um lado pelo sistema de produção econômica – a monocultura latifundiária e do outro pela escassez de mulheres brancas entre os conquistadores. Com a plantação da cana-de-açúcar, exigiram-se grandes extensões de terras e de escravos, prejudicando assim, a policultura e a pecuária.

Na zona agrária desenvolveu-se com a monocultura, uma sociedade semifeudal e com isso a fome crônica originada não tanto da redução em quantidade como dos defeitos da qualidade dos alimentos, traz a problemas chamados de “decadência” ou “inferioridade” de raças, trazendo como consequência a diminuição da estatura, do peso e do perímetro torácico, deformação esquelética, descalcificação nos dentes, etc.

A Casa-Grande de engenho que o colonizador começou, ainda no século XVI, a levantar no Brasil grossas paredes de taipa ou de pedra e cal, coberta de palha ou de telha vã, alpendre na frente e dos lados, telhados caídos em um máximo de proteção contra o sol forte e as chuvas tropicais. Era considerada também como banco, pois eram nessas grossas paredes onde muitos senhores guardavam suas moedas de ouro.

É válido destacar que a Casa-Grande venceu no Brasil a Igreja, nos impulsos que esta a princípio manifestou para ser a dona da terra. Vencido o jesuíta, o senhor de engenho ficou dominando a colônia quase sozinho. O verdadeiro dono do Brasil. Mais do que os vice-reis e os bispos. Mais no fim, as Igrejas é que tem sobrevivido às Casas-Grandes, devido ao mau cuidado e conservação.

Gilberto Freyre queria escrever sobre o ser brasileiro. Partiu para a Bahia e pesquisou coleções de museus e a arte da culinária que vinha da cozinha das Casas-Grandes e depois da Bahia partiu para a África e a Portugal.

Para um melhor entendimento sobre essa belíssima obra de Gilberto Freyre, será exporto algumas características e informações de cada um dos cinco capítulos separadamente.

I: Características da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida.

- A base era a agricultura: as condições, a estabilidade patriarcal da família, a regularidade do trabalho por meio da escravidão, a união do português com a mulher índia, incorporada assim à cultura econômica e social do invasor;
- A preferência dos portugueses pela mulher morena;
- O colonizador português do Brasil foi o primeiro entre os colonizadores modernos a deslocar a base da colonização tropical da pura extração de riqueza mineral, vegetal ou animal – o ouro, a prata, a madeira, o âmbar, o marfim - para a criação local de riqueza.
- A partir de 1532 a colonização portuguesa no Brasil caracteriza-se pelo domínio quase exclusivo da família rural ou semi-rural.
- O bandeirante, particularmente, torna-se desde os fins do século XVI um fundador de subcolônias;
- Com o bandeirante o Brasil autocoloniza-se;

- Handelmann notou que para ser admitido como colono no Brasil no século XVI a principal exigência era professar a religião cristã.
- O catolicismo foi realmente o cimento da nossa unidade.
- Para as necessidades de alimentação foram-se cultivando de Norte a Sul, através dos primeiros séculos coloniais, quase que as mesmas plantas indígenas ou importadas. A farinha de mandioca fixou-se a base do nosso sistema de alimentação;
- Terra de alimentação incerta e vida difícil é que foi o Brasil dos três séculos coloniais. A sombra da monocultura esterilizando tudo. Os grandes senhores rurais sempre endividados. As saúvas, as enchentes, as secas dificultando ao grosso da população o suprimento de víveres.
- De todas as influências sociais talvez a sífilis tenha sido depois da má nutrição, a mais deformadora da plástica e a mais depauperadora da energia econômica do mestiço brasileiro;
- Costumava-se dizer que a civilização e a sifilização andam juntas: o Brasil, entretanto, parece ter-se sifilizado antes de se haver civilização.
- Considera-se de modo geral, a formação brasileira tem sido um processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismos de economia e de cultura. A cultura européia e a indígena. A européia e a africana. O senhor e o escravo.

II: O índio na formação da família brasileira

- Com a introdução européia desorganiza-se entre os indígenas da América a vida social e econômica; desfaz-se o equilíbrio nas relações do homem com o meio físico;
- O invasor pouco numeroso foi desde logo contemporizando o elemento nativo; servindo-se do homem para as necessidades de trabalho e principalmente de guerra, de conquista dos sertões e desbravamento do mato virgem; e da mulher para as de geração e de formação de família.
- Através da mulher, enriqueceu-se a vida no Brasil; série de alimentos ainda hoje em uso, drogas e remédios caseiros, tradições ligada ao desenvolvimento da criança, utensílios de cozinha, de higiene, banho frequente, rede, etc.;
- O homem foi formidável: só na obra de devastamento e de conquista dos sertões, de que ele foi o guia, o canoeiro, o guerreiro, o caçador e pescador.

- Os índios acreditavam em espíritos maus; diziam que estavam sempre a espreita de uma oportunidade para lhe penetrarem no corpo: pela boca, pelas ventas, pelos olhos, pelos ouvidos, pelo cabelo;
- Daí o uso de batoques, penas e fusos atravessados no nariz ou nos lábios; de pedras, ossos e dentes de animais; a raspagem de cabelo.
- Encontra-se entre os selvagens numerosas abusões as crianças: uma profilática correspondendo a receios da parte dos pais de espíritos ou influencias malignas;
- Havia uma dança destinada especialmente a fazer medo aos meninos e incutir-lhes sentimentos de obediência e respeito aos mais velhos;
- Eram os maridos que serviam de parteiros, cortando aos dentes o umbigo do menino.
- O trabalho sedentário e contínuo, as doenças adquiridas ao contato dos brancos foram dando fim aos índios;
- Já não era o mesmo selvagem livre de antes da colonização portuguesa;
- A monocultura do açúcar matou o índio; momento esse que o indígena foi substituído pelo negro;

III: O colonizador português: antecedentes e predisposições

- Portugal um país largamente marítimo, recebia sempre povos de todos os lugares do mundo. Seus portos eram rotas de comércio e imigrações;
- O encontro das culturas árabes e romanas impregnava a moral, a arte, a economia e a vida do português.
- Os árabes – excelentes técnicos navais - e os judeus – financistas e com altos cargos de administração, no conselho real - emprestavam conhecimento e dinheiro para o empreendimento das navegações.
- Além da mobilidade, o português tinha a capacidade de se misturar facilmente com outras raças. Chegavam carentes de contato humano e começavam a se reproduzir, primeiro com as índias e depois com as negras escravas. Era preciso povoar o território;
- Portugal teve a agricultura, sua principal indústria, melhor desenvolvida do que os outros países mais ao Norte.
- Falta de higiene corpórea que na maior parte dos casos se limita a lavagem da cara aos domingos;
- Povos preguiçosos, sem vontade de fazer; usavam os índios e escravos pra tudo.

- IV: O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro

- Homens brancos que só gozavam com negras;
- O marido quando recém casado, para se excitar diante da noiva branca, precisava de uma escrava negra;
- Sempre que consideramos a influência do negro sobre a vida íntima do brasileiro, é a ação do escravo, e não do negro por si, que apreciamos.
- É uma sexualidade, a dos negros africanos, que para excitar-se necessita de estímulos picantes. Danças afrodisíacas. Culto fálico. Orgias. Enquanto no civilizado o apetite sexual de ordinário se excita sem grandes provocações. Sem esforço;
- Não há escravidão sem depravação sexual;
- A parte mais produtiva da propriedade escrava é o ventre gerador.
- O melhor brinquedo dos meninos de engenho: montar a cavalo em carneiros; mas na falta de carneiros, usavam os moleques;
- As mulheres morriam no parto, pois eram muito novas (12, 13, 14 anos) e os maridos (50, 60, 70 anos);
- A Casa-Grande fazia subir da senzala para o serviço mais íntimo e delicado dos senhores uma série de indivíduos: amas de criar, mucamas, irmãos de criação dos meninos brancos.

V: O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro (continuação)

- Os menininhos, a força desde os nove anos;
- Veio depois de 1850 às estradas de ferro facilitar o internato dos meninos de engenho nos colégios das capitais;
- Falta de higiene nos internatos;
- Os dois pratos de origem africana que maior triunfo obtiveram na mesa patriarcal brasileira foram o caruru e o vatapá, feitos com íntima e especial perícia na Bahia.

O pão foi outra novidade do século XIX. O que se usou nos tempos coloniais, em vez de pão foi beiju de tapioca ao almoço, a ao jantar a farofa, o pirão escaldado ou a massa da farinha de mandioca feita no caldo do peixe ou da carne.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

*